ANEXO IIa
REALIZAÇÕES DE PERCURSO

Índice

1 Diários entre 12_2_2019 e 1_4_2019 – deambulações pelo arquivo artístico. 3
2 Os 60 anos do CETA – Rapsódia Ana Salgueiro 24
3 O Pecha-Kucha 38

1 Diários entre 12_2_2019 e 1_4_2019 – deambulações pelo arquivo artístico.

12_2_2019

Escuro, esta música. (*uma caixa com vinis e um 'gira-discos'?*),

https://www.youtube.com/watch?v=6juLm7cDXBc – in the Flesh dos Pink Flyod.

Ao longo dos primeiros acordes vê-se uma mão um braço uma perna, o peito, com ajuda de jogo de luzes. Um corpo que se mostra aos bocados de forma espetacular. A ideia é que seja tudo ao contrário. Não é o corpo que se vai desnudando, mas o corpo que está nu e se veste de coisas. Dança-se. Passado algum tempo, integra-se na coreografia o vestir as peças e para-se, quando a música termina. Coreografia a definir.

Ouço.

Uma música ou a natureza do desejo.

Procuro, um indizível estar esparso do ser. Onde tudo pode acontecer. Onde tudo se pode fazer acontecer.

Nas veias azuis do meu cansaço, procuro um espaço. Para ser.

Que coisas se colam à nossa pele como cacos de uma peça rara? Será que levamos toda a vida a tentar reconstruir essa maravilha da cerâmica fina? Ou preferimos os cacos?

Lá longe, uma bicicleta, a girar sobre o alto.

Entrar por uma porta, estudar o mapa.

Entrar por outra porta, fazer teatro.

Amar.

Fotografar.

Encontrar pessoas e mover o corpo de formas nunca imaginadas…ainda. Descobrir, por exemplo, Laurie Andersen e trazê-la para o corpo e depois para o palco.

(começa esta música) https://www.youtube.com/watch?v=Vkfpi2H8tOE

1986. Big Cience, dizia ela.

A ciência toda a passar-me pelos cadernos, arrumados nas estantes.

Como uma maçã, por princípio. Durmo.

Entrar por uma porta, estudar o mapa.

Entrar por outra porta, fazer teatro.

Para a música e começa esta:

https://www.youtube.com/watch?v=QyGjNphTQyw

E de repente, uma animal selvagem num jardim que gira à volta de um banco (*um dos quadros do exercício final de expressão dramática no curso que me levou para GRETUA*) ... muitas mensagens e o peito todo a arder e amanhã …..não sei o que vai acontecer.

13_2_2019

Ninguém sabe o que vai acontecer, em cada dia. Haverá beijos e abraços? Estudos de livros compridos? De calças ou de vestidos?

Volto ao palco aberto e abre-se uma paisagem infinita. Tudo o que eu quiser ser penso (penso tudo o quiser ser).

Se ouvir bem, com um ouvido bastante aberto, ouço tudo. E descubro que há uma voz. De dentro do palco, das suas profundezas, nasce uma voz que já há muitos séculos está à espera da nossa boca. Muito brevemente, muito suavemente, consigo apanhar essa voz com a minha boca. E transporto-a comigo. Para junto das outras vozes. Não pretendo saber o que estou a fazer, nem que está bem assim. Vou.

E então alguma coisa (não muito) desta musica/letra/…eu a dizer – em inglês - ou só a dançar com a música, com projeções - esta será uma das visitas, projeções feitas por alguém, ou de coisas, fotografias, a passar projetadas no meu corpo - terei uma t-shirt branca e umas calças de ganga para o efeito. Não sei ainda se funcionará.

https://www.youtube.com/watch?v=bhdFmgoP4NE

aliás todo este espetáculo https://www.youtube.com/watch?v=mua8Pr6uRso&t=2414s

para ver como inspiração.

I come very briefly to this place.

I watch it move.

I watch it shake.

Kumowaku yamano.

Watashino sakebi.

Watashino koewo.

Ushano kokoku.

Watashiwa sokoni.

Watashiwa asobu.

They say the dead will rise again.

And here they come now.

Strange animals out of the Ice Age.

And they stare at you.

Dumbfounded.

Like big mistakes.

And we say: Keep cool.

Maybe if we pretend this never happened, they'll all just go away.

Watashiwa sokoni.

Watashiwa asobu.

Mewotoji.

Mewotoji.

Kikunowa kotori.

Watashino sakebi.

Watashino koewo.

Kumowaku yamano.

Watashiwa sokoni.

Watashiwa asobu.

Kumiwaku yamano.

Kikunowa kotori.

Watashino sakebi.

They say the world is smaller now.

Small world.

They say that man is taller now.

Tall man.

They say the stars are closer now.

Thank you, lucky stars.

You come

very briefly

to this place.

And on a very distant star

slimy creatures scan the skies.

They've got plates for hands.

And telescopes for eyes.

And they say: Look down there

A haunted planet spinning around

They say:

Watch it move.

Watch it shake.

Watch it turn.

And shake.

And we say:

Watch us move.

Watch us shake.

We're so pretty.

We're so pretty.

We say:

Watch us move now.

Watch us shake.

We're so pretty.

Shake our hands.

Shake our heads.

We shake our feet.

We're so fine.

The way we move.

The way we shake.

We're so nice.

De repente muda o cenário e estou como que a apresentar um trabalho sobre a proteção do ambiente para um professor.

Já percebi que isto está tudo ligado. O nosso comportamento pessoal afeta o ambiente. É bom andar de bicicleta. As fábricas têm penachos. Os carros também poluem. Há muitos meninos no pátio a quem dou todos os meus ainda assim poucos brinquedos. Ajudo a minha amiga a passar uma fase má. Apaixono-me pelo meu namorado. Compro manteiga e bolachas e fruta. Salto em cima da cama. Não, esperem, voltando à geografia … há um mapa que voa pela janela e eu tomo consciência do mundo.

14_02_2019

O corpo foi-se descobrindo. Transportando energia de um lado para o outro.

E depois uma vontade de alterar tudo o que ficou para trás, de mudar o tom, mas já não podemos fazer nada. Só podemos mudar o tom do que vem a seguir.

E permanecemos dentro deste momento. No espaço infinito deste momento.

The Zoo Story de Edward Albee. Um homem de meia idade e de cachimbo num banco de jardim em Central Park. Outro aproxima-se, mais novo e com um ar mais desleixado. Conversam e no final um deles morre (*faço alguns gestos, fazendo ora de um personagem ora de outro*). A sociedade que empurra o indivíduo humano para escolhas estranhas.

No momento em que Jerry se espeta na faca de Peter e se mata, enquanto Peter segura a faca.

PETER: [whispering] Oh my God, oh my God, oh my God ... [PETER repeats these words many times, very rapidly. JERRY is dying; but now his expression seems to change. His features relax, and while his voice varies, sometimes wrenched with pain, for the most part he seems removed from his dying. He smiles.] JERRY: Thank you, Peter. I mean that, now; thank you very much.A menina dos bilhetes vê aquela peça noite após noite e há uma frase que permanece na sua cabeça:

'…existe uma linha que separa, a parte superior da classe média inferior da parte inferior da classe média superior…' seria mesmo assim?

Uma frase com ressonância magnética, isso é certo.

'A ressonância magnética é um exame que utiliza uma tecnologia à base de ondas de radiofrequência num forte campo magnético a fim de obter imagens do corpo em vários planos. Permite estabelecer um diagnóstico médico mais preciso, já que possibilita a exibição em grande detalhe dos órgãos e tecidos do corpo'.

Uma frase com corpo. As linhas que moldam. O nosso corpo. As nossas ideias.

Depois é preciso entrar em cena para falar sobre cartas de amor nas catacumbas geladas.

Um contrassenso. Mas o amor já tinha acabado. Era por isso. E onde um amor acaba há sempre outro que começa.

A menina dos bilhetes aparece dentro de uma bola de luz por breves minutos e finge que ama.

Não se sabe maquilhar para entrar em cena.

A Minha Fotografia A Maquilar-Me Na Alice

Le nouveau Cygne de Pierre – Pascal Jouan.

Não tenho muita informação apenas comunicações do L'avant Scene Theatre.

Mas tenho O TEXTO!???

15_02_2019

Que histórias contamos? Porquê? Para quem?

J.F.Kenndy.

- Esforços e coragem não sem nada sem objetivos e direção;
- O Homem ainda é o computador mais extraordinário de todos;
- Fitness é fundamental para um corpo saudável, mas é também a base de uma atividade intelectual dinâmica e criativa;
- Estamos ligados ao oceano. E quando voltamos ao mar, a navegar ou a ver voltamos para o local de onde viemos.

Maya Angelou.

- Tenta ser um arco-íris na nuvem de alguém.
- A minha missão na vida não é sobreviver, mas florescer com paixão, compaixão, humor e estilo.
- Se não gostares de algo muda esse algo. Se não puderes muda a tua atitude.

O corpo incorpora facilmente tudo isto em qualquer altura, é só escolher as frases de outros e pensem: estamos lá, em todas. Todos nos vemos em todos. Entre nós, milhões de espelhos.

Cortar o cabelo e subir a um palco com espelhos cravados em portas giratórias. O mundo comandado por homens e as mulheres, as mulheres ali, nas tábuas pintadas de branco. A Fera de Charles Marovich (adaptação de A Fera Amansada de Shakespeare).

Os homens que dominam, os homens que jogam às cartas, as mulheres que se submetem, as mulheres que se revoltam, as mulheres que odeiam outras mulheres, no ódio mais devastador de todos.

Imagem do filme com Elisabete Taylor sobre a obra de Shakespeare a Fera Amansada.

Em Pádua, o rico Baptista (Michael Hordern) tem duas filhas em idade de casar, a intratátel e violenta Katharina (Elizabeth Taylor) e a dócil e bela Bianca (Natasha Pyne). A segunda tem vários pretendentes, mas o seu pai só a casará depois de casar Katharina. Tal leva os seus pretendentes Lucentio (Michael York) e Hortensio (Victor Spinetti) a fazerem-se passar por tutores de Bianca, enquanto Petruchio (Richard Burton), um nobre de Verona, é desafiado a quebrar Katharina domesticá-la para ser sua esposa. O resultado será uma violenta e inesperada guerra de vontades e espíritos num casal pelo qual ninguém põe as mãos no fogo.

As luzes no rosto, por esta altura já se tinham cravado no peito.

O palco é um lugar onde nos cresce um espelho dentro do peito, voltado para dentro, a sangrar, sem que ninguém veja.

'To live in the gap, between the moment that it is expiring and the one that is arising. And when you close your eyes, what do you see? Nothing. Now open them.'

Laurie Anderson, no filme 'Heart of a Dog'.

É tão bom dizer uma frase que se atravessa na garganta.

Nas mãos um papel, com palavras escritas há 30 anos.

‘Foi um ‘encarquilhanço’’, disse a Kitty,’ busca-se um cavalo nas margens do silêncio, mil coisas mágicas’, disse a Gui, ‘o fim, o princípio’ escreveu o Artur, ‘das vertigens, do corpo e do resto disse eu’.

Perceber que temos um corpo.

E aprender sobre o mundo.

Ter uma voz.

O poder do abuso e o abuso do poder, desmascarado.

‘Sujeitai-vos aos vossos maridos’, dizia a Kate, que no final se submeteu ao Petruchio fanfarrão, muito tempo depois de ter dançado o Blue Suede Shoes.

https://www.youtube.com/watch?v=Bm5HKlQ6nGM

Sujeitai-vos, sofrei e morrei, para todo o sempre, às mãos dos vossos companheiros.

Depois disto o teatro fica a arder nas nossas mãos. Como desde sempre, rejubilando por ocupar em tão pouco tempo e em tanta extensão, o revestimento interior das nossas paredes.

E logo depois.

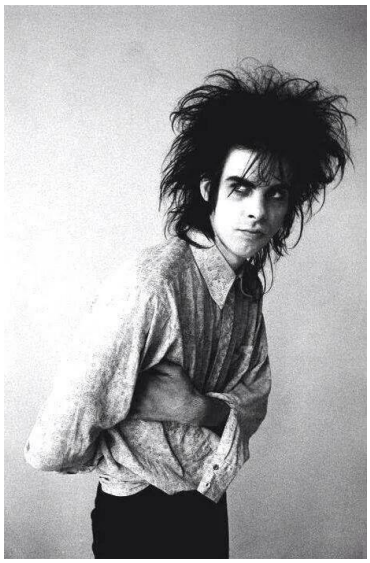
A nossa humanidade a viver num bunker pós – apocalíptico, onde uma simulação de sociedade mostra como verdadeiramente somos.

Fassbinder o Café de Goldoni e o Blade Runner. As nossas versões em modo subsolo, feitas personagens.

O Nick Cave a moldar-nos o passo.

https://www.youtube.com/watch?v=oSl4KX7zBTQ

E nós a rosnar em cima do palco:



21_02_2019

Um palco feito de rede, onde é difícil andar.

Porque é difícil andar em cima de um palco.

Umas vezes escorrega, outras arde, outras está gelado, outras inclinado. E quando feito de rede, há luzes que nos iluminam de baixo para cima e de cima para baixo.

De cima de um palco e através dele podemos falar sobre o mundo como se ele fosse um jardim ali à mão, enquanto nós o regamos a cantar e a rir (ou a ficar muito sérios que é quase a mesma coisa), do alto dos nossos tacões altos (ou baixos).

O mundo é um palco.

Todos nós jogadores.

O mundo é um palco; os homens e as mulheres,
meros artistas, que entram nele e saem.
Muitos papéis cada um tem no seu tempo:
Sete atos, sete idades. Na primeira,
nos braços da ama grita e baba o infante.
O escolar lamuriento, após, com a mala,
de rosto matinal, como serpente
se arrasta para a escola, a contragosto.
O amante vem depois, fornalha acesa,
celebrando em balada dolorida,
as sobrancelhas da mulher amada.
A seguir estadeia-se o soldado,
cheio de juras feitas sem propósito,
com barba de leopardo, mui zeloso
nos pontos de honra, a questionar sem causa,

que a falaz glória busca
até mesmo na boca dos canhões.
Segue-se o juiz, com ventre bem forrado
de cevados capões, olhar severo,
barba cuidada, impando de setenças
e de casos da prática; desta arte
seu papel representa. A sexta idade
em mangas pantalonas, tremelica,
óculos no nariz, bolsa de lado,
calças da mocidade bem poupadas,
mundo amplo em demasia para as pernas
tão mirradas; a voz viril e forte,
que ao falsete infantil voltou de novo,
cheia e sopra ao cantar. A última cena,
remete desta história aventurosa,
é mero olvido, uma segunda infância,
falha de vista, dentes, gosto e tudo.

(*Primeira parte de As You Like it' de WS. – para aproveitar ou não*)

O que somos em cada idade?

Em cada profissão?

Somos diferentes?

Somos iguais?

Menos? Mais?

Como é que o dinheiro comanda a vida?

A partir do seu interior?

Ou vai tocando suavemente o seu vestido a partir de fora?

O que é o amor?

Onde reside?

Conseguimos apanhá-lo?

Metê-lo num navio para o Polo Norte, deixando o essencial para trás?

O que é ser escravo nos nossos dias?

Assim era o Café de Fassbinder a partir de Goldini, levado à Cena pelo Gretua em 1990.

Toda a gente sabia que uma prostituta cibernética teria o cabelo curto e pintá-lo-ia de louro, andando de calções de um lado para o outro.

Platinado.

Por vezes penso no empoderamento que as personagens femininas de ficção científica nos trazem, a nós mulheres.

Mas na altura não pensava nisso. Aquela prostituta a que vestia a pele (e ela deixava de bom grado, cumprimentando sempre que chegava), parecia uma mulher fácil, atrás de dinheiro fácil, vergando perante um homem poderoso e amado. O habitual.

Lisaura estava num subterrâneo onde toda a humanidade se afundava de ganância e vício. Onde todos se traíam mutuamente e indefinidamente.

Sabia que aqueles momentos ficariam para o todo sempre (da memória). Como se vivesse um daqueles momentos históricos em que a arte ultrapassa o próprio homem e a sua consciência de que pode mudar o mundo (mas não quer).

Sabia mais do que nunca agora que queria fazer teatro, sempre.

24_02_2019

O fazer acontecer em palco é um sonho irreal tornado luz clara do dia, à nossa frente.

Na última noite senti um imenso frémito da alegria pura.

Aquela que sabe que vence sempre acima de todas as vozes por ser alegria pura e nada mais. Não vaidade, não orgulho, mas alegria pura e agradecimento por poder ter uma outra voz, que ora fala mais alto ora sussurra. Mas nunca está à mesma altura da voz diária que se acomoda, nunca se cansa de ser outra.

Encontra um sentido. Não necessariamente com direção.

Na última noite senti um imenso frémito da alegria pura. Por encontrar um sentido para os sentidos da vida única que é a minha. Única porque não é a de mais ninguém. Só isso.

Há um sentido naquilo que digo feito das arestas daquilo em que acredito.

Na última noite senti um imenso frémito de alegria pura.

Que por ser uma espécie de paz não necessita de se manifestar e acolhe o silêncio de saber ter encontrado um lugar de refúgio. Um lugar de refúgio perante o mundo onde todo o mundo entra.

Roubaram o mar, querem condenar-nos à homogeneização total, mas nós podemos dar a volta ao mundo num balão de ar quente à procura da felicidade (sem nunca a querermos encontrar), mesmo que venham gigantes, somos mulheres de ‘tacones lejanos’, que falam alto, praguejam e seduzem. Porque sim, porque sabemos como construir a pouco e pouco todas as bicicletas de que necessitamos para pedalar de dentro para fora. Deste ponto para fora, contra todos os impostores que nos ‘impostam’ impostos.

Assim desenhei o meu caminho pelo CETA, Círculo Experimental de Teatro de Aveiro.

Mas adianta falarei mais desse percurso e de quem o visita.

Há mais monólogos dentro do monólogo que me habita

E a sensação de que o caminho não foi, até aqui, perdido.

Apeteceu-me dançar e hoje dancei, em frente ao mar.

Logo antes, mesmo logo antes, de mergulhar.

25_02_2019

Alice

Podemos dizer tudo resumindo numa frase: Alice cai na toca do Coelho e viaja, livre?

Alice no País das Maravilhas aconteceu-me no GRETUA em 1991.

Recupero uma história que escrevi antes, sobre essa Alice que ficou lá atrás, mas que ficou sempre comigo e que outros me entregam em mãos:

'*Dentro e fora. Memória e Partida. O dia passa a correr. Tenho de ir ao dentista ou talvez não seja hoje. Consulto o oráculo. Encontro a Teresa que me pega na mão e me leva para dentro da biblioteca municipal, para o armazém dos livros. Na minha mão coloca o avental que usei quando fui Alice no País das Maravilhas. Há muito, muito tempo. Diz, com as mãos no peito, que aquela Alice a marcou para sempre. E penso ou não penso nada, mas fico cá com este pensamento: isto acontece agora, sem eu esperar nada, sem eu saber o que procuro, nem o que vou encontrar. Há um sentido e um significado. Digo isso à Teresa. Choro, mas disfarço e contenho. Sei que se abrir o cano rebento com o dique. Não é a hora ainda. Resolvo chamar a isto a programação do choro, em segredo. Dou-lhe o saco de rebuçados de gengibre que trazia para ela, da loja da farinha da tapioca. O choro fica na fonte. A tapioca é fundamental em tudo isto pois regulariza-me o intestin*o'.

Alguém dizia, nos tempos D'Alice, que o que tinha gostado mais de toda a peça era o modo como a peça terminava: na mesa do banquete do Chapeleiro Louco, o último olhar para o público, com 'um olhar indefinível, mas que dizia tudo'. Depois '*black out*'. Por muitas explicações que dessem o texto ou os silêncios entre o texto, o que contava era a viagem, dentro desse olhar. E dessa só Alice podia saber. Não era uma viagem que pudesse ser dita. Mas transportava aquela Alice, aos lugares de sonho que aquela Alice tinha de visitar, onde tinha de ficar, de onde tinha de fugir.

Na verdade, não foi fácil fazer aquela Alice. Não a queria e preferia voltar as catacumbas de Fassbinder.

Naquela altura não encontrei muito em Alice. Não vivi muito a Alice.

Mas a Alice viveu-me.

Hoje percebo.

Dentro do grande vestido cor-de-rosa que não sou eu. Nem é nenhuma mulher.

Alice foi enclausurada naquele vestido por Lewis Carrol.

Por isso, no último olhar em palco, fugia dali para fora.

5_03_2019

Alice fugia dali para fora.

Não é fácil ser Alice.

De repente a Alice já trabalha, levanta-se cedo, vai correr, apanha o comboio das 8 e 30, leva a sua Dayane amarela até à estação e depois vai de comboio.

Pelo caminho pensa em muita coisa. A vida muda, como um navio a mudar de rota.

Como se o comboio a levasse para longe, para outro lugar longe do lugar onde sentia pertencer.

Agora, quando penso, penso que foi aí que se deu a separação, e onde uma passou a ter de ser duas. Ou mais.

Depois, logo a seguir, a Morte de um Caixeiro Viajante, de Henry Miller, ainda GRETUA.

A vida ‘normal’ de uma família ‘normal’ a esmagar tudo por dentro e à sua volta, até à derrocada final.

Eu era apenas alguém que entrava por cinco minutos, uma prostituta amante do caixeiro.

Não vale a pena discursar sobre isso.

Apenas dizer que aí tornei-me maior, de coração engrandecido. Lembro que verdadeiramente não me importei com a falta de protagonismo em palco. E fiquei surpreendida com isso. Todos somos vaidosos em palco, sedentos dele, sabemos que podemos emitir luz a partir dele. Ser protagonista faz-nos sentir mais, maiores, mais luminosos. Seria mentir dizer que também não anseio por tal. Mas aprendi que essa ansiedade (e vaidade) não está relacionado com o tempo.

Naqueles cinco minutos era apenas uma borboleta. Mas com um significado imenso, para além de todo o tempo, espaço e pessoas que o enchem.

E guardava-o para mim.

O interesse do significado, de ter um. Por apenas cinco minutos. Não dizia nada.

Mas em cinco minutos podia levantar o braço e gritar por uma liberdade qualquer, se quisesse.

O que se pode fazer em cinco minutos é incrível.

O que se pode mostrar de poder do corpo e da palavra é incrível.

Então comecei a cantar sozinha, pelas veredas e pelos cantos, por ter percebido isso.

Todo o tempo em palco é infinito.

E cinco minutos chegam para contar uma história.

Ou dizer um poema.

5_03_2019_b

Já não era a primeira vez que representava a lânguida, adormecida, atirada para o mundo, prostituta. Destinada a dar prazer aos homens e nada mais. Lutava com esta personagem assim como lutava com a Alice.

Caramba. A gaja, o pedaço de carne. A transportar uma alma que ninguém vê. E eu com tanto para dizer. Ainda há pouco tempo numa peça sobre os Sete Pecados Capitais a fazer de Luxúria, a convite da encenadora.

Caramba, não existiria uma mulher intermédia para representar? Tal como no senhor dos anéis há uma terra intermédia, entre o Shire e as Fornalhas?

Mais tarde representou um bocadinho de Winnie dos dias felizes numa peça arquitetada por si. Mas nem essa era intermédia. Essa estava enterrada da cintura para baixo.

Sendo ou não verdade, isto leva a muitas reflexões. Sobre a mulher, bem entendido. Sobre como 'objetificam' a mulher e sobre como a mulher se 'objetifica' a si própria. Sobre como os homens e as mulheres se enganam e baralham tudo. E sobre a nobreza das prostitutas.

Mas hoje não é disso que me apetece falar.

Mas sim de uma cena, lá atrás no café de Fassbinder, em que a prostituta se deitava de cabeça para o público, pernas ao alto, sombra das pernas projetada sobre a parede ao fundo e o Conde ajoelhado entre as suas pernas, a olhar o público de frente. A cena que guardo como mais bonita de todo o 'meu teatro'. Enquanto dava esta música, as pernas desenhavam uma dança e ele permanecia impávido, a olhar em frente, rosto iluminado.

Aqui coloco a música, e refaço a cena, sem conde. Esta é a música que dava, enquanto as pernas giravam no ar e o Zé Vaz Simão, que já morreu, olhava em frente. *Esta cena tem de ser encanada de novo!*

https://www.youtube.com/watch?v=t7WehY5vTl4

Lyrics: What Power art thou, Who from below, Hast made me rise, Unwillingly and slow, From beds of everlasting snow! See'st thou not how stiff, And wondrous old, Far unfit to bear the bitter cold. I can scarcely move, Or draw my breath, I can scarcely move, Or draw my breath. Let me, let me, Let me, let me, Freeze again... Let me, let me, Freeze again to death!

Entretanto lembro que estas pessoais memórias não me devem fazer perder o foco deste trabalho. O teatro enquanto fio condutor do 'peso' das memórias, a falar sobre o mundo. De qualquer pessoa.

Entretanto lembrei-me e liguei ao João Brás o meu amigo de coração com quem bebia sempre uma ginjinha antes dos espetáculos (como vi uma vez a Eunice Munhoz a beber no Rossio antes de entrar em cena no Dona Maria II). 'Como era a música que tu colocavas nos ensaios e depois no início da peça do Caixeiro Viajante?' (*foi ele que a encenou*). Instantaneamente ele enviou-me uma mensagem com o nome da banda. Dizendo: Durty dozen brass band. Beijinhos.

Eu: Uau na ponta da língua!

Ele: É um som que ainda faz parte da minha vida. E muita merda para a tese. Beijinhos.

https://www.youtube.com/watch?v=UKMIBY68tyw

7_03_2019

Somos um país de futebol, mas é um desporto e é bonito.

Somos um país de fado, que é triste, mas isso é bonito.

Somos um país de paisagem em risco e isso não tem piada nenhuma.

Somos um país de mar e isso é indescritível e esquecido.

Somos um país ou um conjunto de barcos à deriva?

Tanto faria, desde que lêssemos.

Somos um país que precisa de ler e lê tão pouco.

Somos um país 'automobilizados', mas sem vontade própria de zelar pela sua saúde.

Somos um país que se encontra na beirinha, sem nunca mergulhar.

Somos um país que não se ama a si próprio como merecia.

Mas somos um país que se apaixona, perdidamente, para sempre.

Neste cantinho do universo,

Umas vezes sou país e outras, outras sou barco à deriva.

26_03_2019

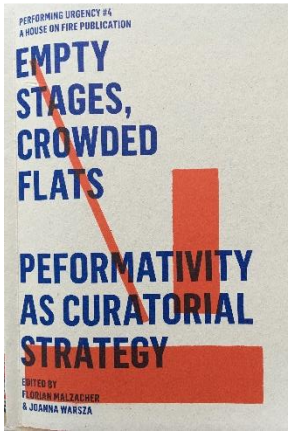
Porque é urgente.

É urgente a escrita, é urgente um barco. É urgente ler (escolhi o pequeno almoço para ler durante meia a uma hora). É urgente fazer.

Passaram 20 dias sem escrita, numa imersão de afazeres e dificuldades.

Mas ao sair o dia é anda mais claro.

Leio o espaço vazio de Peter Brook, leio um livro que comprei em Serralves sobre as ligações em curadoria e performance.



Outras performances para sairmos do teatro do aborrecimento mortal como diz Peter Brook. Sei que tenho de começar a desenhar o enquadramento teórico, necessariamente prático. Procuro um dia para ir ao Porto. Esta semana não dá.

Acreditar no teatro que fazemos sem explicações. Como a genialidade de Brecht. Quanto mais 'mexo' na Ascensão e queda da cidade de Moaghony mais sinto essa genialidade. Genial. Ontem tive de fazer uma sinopse oral da peça para a Liliana (porque ela talvez me ajude a montar a peça) e ao ouvir-me a mim própria contar a história à Liliana, percebi essa genialidade. A explicação está na história. Não é preciso 'sobre' explicação.

Três vagabundos (dois homens e uma mulher) fundam uma cidade no deserto depois do seu carro velho ter avariado. Chegam de toda a parte, primeiro as prostitutas, nasce o 'saloon'. Chegam os lenhadores do Alasca prontos a gastar todo o dinheiro que ganharam a cortar árvores. Há animação, há alegria, há vida boa. Paul, um dos lenhadores, começa a inquietar-se. Tudo aquilo não chega. Algumas pessoas desanimam por sentirem o mesmo que Paul e vão embora. Mesmo com o preço do whiskey mais baixo, vão embora. Um tufão aproxima-se da cidade. Pânico. Mas a cidade é poupada, o furação passa. E é então que se instala a lei da liberdade total. O mais importante é 1º comer; 2º fazer amor; 3º lutar; 4º beber. Na comezaina morre um dos lenhadores. No fazer amor a tristeza é absoluta pois o amor comprado deixa um vazio em cena. No lutar morre outro lenhador. No beber o Paulo repara que não tem mais dinheiro para pagar a bebida e é preso e condenado à forca. Pelos vagabundos que fundaram a cidade. Liberdade sim, mas sem dinheiro é que não. Paul morre enforcado perante a indiferença de todos, até da mulher comprada por quem se tinha afinal apaixonado. A multidão vocifera que vai continuar a fazer tudo o que lhe apetece e ainda mais. Genial. Esta é a peça que estou a trabalhar com a turma de teatro de adultos. E apetece-me escrever mais sobre esta peça.

Sinto-me uma coisa pequena perante uma coisa como esta. Mas com tanta vontade de fazer coisas, sem precisar de explicação.

Ainda há pouco no CETA, a experiência sobre as peças que escrevi e/ou encenei. Ela está escrita, será enviada na mensagem do diário a seguir (a 13) para ser mais tarde resumida.

Voltarei ao GRETUA, um amor que nunca acaba. Em breve lá estarei para moderar mesas e falar noutras, nas comemorações do seu aniversário.

Estou num frenesim de paixão por coisas por fazer. Mas sei que conseguirei fazer o que tenho de fazer, sem dúvidas.

Entre o tempo do GRETUA (início) e o tempo do CETA (recente) vem o tempo da EFÉMERO- Companhia de Teatro. Ser atriz profissional, também fui. E o tempo do trabalho de um ano sobre Grotowsky. E o início de eu a dar aulas de formação em expressão dramática, o que quer que isso seja. Lá iremos.

Lá irei.

(eu sei que este texto foi mais um contar da história e não tanto a escrita de um texto dramático para um monólogo, mas há uns dias voltei atrás, quando estava da ESMAE e comecei a fazê-lo a partir deste relato do percurso, aproveitando muito do texto escrito – quem sabe se este mesmo texto que agora escrevo não poderá integrar esse monólogo! ☺).

Um ano de muito trabalho (porque do 'outro lado' estou a ter de escrever muito também, o que não é ´mau' só tira tempo) e de muita felicidade. Obrigada por me leres Sónia.

31_03_2019

Na Efémero

Formar uma companhia de teatro em Aveiro, foi o projeto.

Seis homens e uma mulher.

Depois fazer 'Afinal quem é O Frank' a Partir do Rei UBU. Os jogos do Poder e o poder das Mulheres que vivem para ter poder. As grandes cadeiras do poder enchiam o palco. Eu, de longa peruca preta, fazia a dança da cadeira. Tanto me fazia, contando que no final ganhasse alguma coisa. Uma personagem maquiavélica.

Os dias do amador tinham-se esfumado. Agora era preciso fazer peças e partir em tournée.

Fomos a Lisboa e ao Algarve, a Faro. Uma vida cansativa, mas possível e até divertida.

Dias de juventude a queimar pestanas e neurónios em cigarros.

Em Faro aconteceu num café receber 5 contos para fazer de figurante num filme alemão. Comi um bolo de arroz e um sumo, pago por eles.

Correu bem, mas lembro-me pouco das noites após os espetáculos. Lembro-me dos Irmãos Catita na Barraca. E é quase só.

Sonhava muito, que estava noutro país, que havia caranguejos que me vinham comer os pés (isto foi em Faro). E eu sempre a correr como podia, de manhã cedo.

Algo se agitava e era a vontade de ter filhos.

Estava a fazer um mestrado em Urbanismo e tinha sido convidada para trabalhar.

E os dois mundos entraram em colapso.

Mais tarde fui obrigada a sair da Efémero porque teria de estar a tempo inteiro e não podia.

Mas eu sabia que os dois mundos, como duas esferas cintilantes à procura de se encontrarem para serem um planeta cintilante se encontrariam um dia. Tive de decidir. Lembro-me de a decisão ter arrasado comigo. E logo a seguir um filho.

1_04_2019

Depois da Efémero

Durante um ano a trabalhar Grotowsky – um método do ator (1993-1994?)

Todos os dias uteis das 19:00 às 23:00 – trabalho físico e trabalho de canto, dança e improvisação com um casal que tinha acabado de vir de Itália de um estágio a trabalhar com ele.

Direi que aí aprendi o método do qual aplico apenas partes nas minhas aulas. Mas desses tempos ficou uma memória de superação dos limites do meu corpo e das minhas capacidades.

Saltos acrobáticos, voltas no ar, pinos, uma intensidade imensa. Voltar ao início, ir mais fundo.

O corpo queria mais. A alma exultava. A memória daquelas sessões é um impulso permanente no meu corpo. Escreverei mais sobre isto. Apetece-me sempre saltar, por isso corro muito. A importância do trabalho e da preparação física porque o corpo é um só.

Depois veio o convite para a Efémero. Primeiro o Pé de Vento no Porto para me profissionalizar. Com um espetáculo chamado de A Alma Atlântica. Havia uma protagonista que era o Infante D. Henriques, a Isabel Abreu. Seria a mesma de agora? A Isabel Abreu? Ela nasceu em 1978 e na altura lembro-me de pensar que era de uma geração atrás. Menos 10 anos. Seria?

Seja como for eu andava às voltas com a Alma Portuguesa (o Rui Sérgio) regressado da guerra colonial. A Alma Portuguesa que se perde nas frinchas de um convés de navio. A

Alma que nunca mais se encontrou. Dois espetáculos no Ateneu Comercial e ficou feito. Era uma encomenda. Recebi o meu primeiro dinheiro por fazer teatro.

Da Efémero falta falar Em Busca do Filho Perdido, peça para a infância. Sobre esta última, muito para dizer.

1_04_2019_b

Em Busca do Filho Perdido, peça para a infância. Efémero, companhia de Teatro de Aveiro. Um texto do Zé Geraldo.

Com o Zé Geraldo, o Mario Montenegro e o João Brás, fizemos esta louca peça para a infância, o Jô Tascão à procura do filho (eu), perdido no tangerinal no meio das tangerinas. Sua mãe chorosa (eu), seu pai sai à sua procura. Pelo caminho encontra o Palavra Fáceis, uma espécie de vampiro vilão que queria acabar com tudo, com palavrinhas mansas.

Era bom estar perto do génio do Zé Geraldo e do seu génio criativo. Por esta altura formámos um grupo musical, os Um Ser Egum, chegámos a tocar em bares e até fomos a Montemor o Velho, ao festival! Foi um momento de grande diversão.

Lembro-me de uma canção:

Tens os teus dedos

Os dedos todos

Se tens os teus dedos todos

De ambas as mãos ainda

Ô, Ô, Ô, Oh

Tudo em sintonia anos 80, pop eletrónico.

Do Zé Geraldo recebia e recebo muita inspiração. Para ele não há limites formais sobre o que uma canção deverá conter como letra.

Gostaria de cantar esta outra dele num espetáculo, sei isto de cor:

Quien será, Que está en la playa

De San Jacinto, de San Jacinto, De Saaaaaaan Jacinto

E el tiempo, No se queda por aquí

E el viento, No pasará daqui

E africaaaaaaaaa, Se queda mui lejana.

Mas lejana se queda, A-M-E-R-I-C-A

Foi depois disto que tive de sair da Efémero. Já não terminei a tournée desta peça.

Fui substituída por quem?

Neste momento não me lembro.

Mas o Mário também saiu e foi substituído pelo David.

Foi fundar a Marionet, em Coimbra.

26_04_2019

Um dia depois do 25 de abril e depois de resolvidos mais alguns problemas, volto à tarefa de Hércules.

Juntar o arquivo, que se revela mais interminável em papeis e fotos do que eu guardo em mim.

Há demasiadas recordações.

Penso na Sónia e no nosso último encontro. Nesse dia operei os dentes e passaram 15 dias de convalescença difícil de que não estava à espera. Pontos, cara inchada e negra, dores, papas frias. Neste estado foi preciso organizar o meu dossier de candidatura para um lugar que jamais ganharei, mas, em ano de arquivo, arquivei também esse material e delineei um plano para a minha 'carreira' de futuro. A carreira que se 'cose' com o teatro e, portanto, tudo acontece como tem de ser. Esse percurso, agora organizado (coincidência) ao longo de duas longas semanas de trabalho contínuo, vem juntar-se. O que apresentei, duas cobras de percurso que se unem, vão aparecer na minha 'representação', sem dúvida. Como? Inesperado.

Dia 18 sai desse processo com o envio do dossier pelo correio e adoeci de imediato. Fui ajudar os meus pais e fiquei pior. Só agora vou saindo, antibiótico e isso e a pensar: quando, quando é que me agarro à escrita.

Comecei hoje, as primeiras linhas.

Mas sei que terei de ficar um dia num sítio, isolada, com mais nada, e escrever.

Confesso que aquilo que tinha engendrado estava um pouco afastado do que a Sónia recomendou: tenho de me afastar do meu arquivo, tenho de me distanciar dele para poder incorporá-lo. Antes tinha pensado num texto a partir do texto relato que estava a fazer.

Essa conversa com a Sónia fez com que eu me encolhesse um pouco nesses relatos diários.

Mas reconheço que ela tem razão.

Houve um retrocesso numa certa torrente que estava a sair-me.

Mas sei que quando sair o que é novo, vai ser isso mesmo, novo. E é isso que tem de sair.

Vagamente, como inspiração, tenho a Laurie Anderson debaixo da língua. E outras coisas.

Hoje ainda arquivei mais fotos (são milhares, raios!).

Amanhã tenho de ir comprar mais dossiers e micas.

Vou convidar a Sónia para vir cá a casa, mas quero ter o texto rascunho primeiro.

Para ela ver arquivo e ver texto.

Também penso: e se eu resumisse neste relato o que foi esse percurso de teatro desde o último, para depois voltar ao início? (depois desenvolvo mais).

Depois da Efémero, o teatro fez uma curva e parou.

Depois recomeçou junto com uma nova carreira do outro lado, a começar com Técnicas de Acalmia de Tráfego.

Ou seja, curiosamente, recomecei um novo percurso de teatro com uma nova carreira em Coimbra.

Comecei por escrever uma peça para a infância para o CETA e depois quis formar um grupo, o Sem Rede, grupo de artes. Formei. Éramos 10. Alguns workshops de máscaras e depois duas peças de teatro que escrevi. O Fresco e a Família Feliz. Já com um filho.

O grupo ainda fez o dia da cidade sem carros, espetáculo de rua, que escrevi.

Depois desintegrou-se. Fiz um estágio Growtovsky durante um ano.

Encenei uma peça no CETA e outra em Eixo, dei vários cursos de formação, escrevi o João Pestana dos 7 instrumentos. Em Coimbra mobilidade sustentável, melhores cidades, etc.

Continuei a encenar no CETA, quase todos os anos. Um doutoramento de tema imposto e que me afastou das cidades (tema). E esse afastamento provocou uma avalanche de teatro e coisas afins.

Comecei a dar aulas de teatro na Musa. Continuei no CETA. Escrevi uma peça com mistura de várias peças de Shakespeare para os miúdos levarem a um festival. Todos os anos fui escrevendo textos para as aulas. Participei no Poetry Slam ganhei o de Aveiro e fui a Lisboa, aulas de canto, várias atuações, voltei a ser atriz. Voltei a encenar, voltei a escrever.

Em Coimbra canalizei para a mobilidade sustentável e escrevi O rapaz bicicleta, peça de teatro, que teve muito razoável e bom sucesso.

Depois sai do CETA por uns tempos. Depois voltei. Dediquei-me à MUSA onde formei um grupo de Teatro. Fizemos já coisas giras entre elas o Peer Gyth. Estou a fazer com eles Mohagony.

Fui fazer a pos graduação, estou a fazer mestrado, em coimba a gastar os cartuxos de coimbra a sabática a escrever artigos para ficar descansada (academia, mundo cão). problemas para resolver, pais velhinhos. E convites para fazer isto e aquilo de todas as frentes. Quase quebro. Porque vou aceitando.

Mas estou a organizar tudo e sei que vai resultar. Vai melhorar, vou fazer o que tem de ser feito.

O que escrever vai ter de ser assim com tudo isto lá dentro. Como?

Adoro a dúvida, vai chegar o momento.

E vou também escrever um relato sobre a experiencia do CETA, fica para depois.

Não cheguei a escrever esta reflexão porque chegou a Alexandrina.

2 Os 60 anos do CETA – Rapsódia Ana Salgueiro

26_03_2019 – CETA

Aqui fica o que escrevi em fevereiro de 2019, sobre o CETA, aniversário 60 anos, peças que escrevei e encenei por lá. Procurei escrever algo que combinasse as veias das minhas motivações e ideias com a veia do CETA, numa espécie de viagem. Os atores que compõem a atual direção entraram nesse barco com amor. Foi bom. Há fotos e filme sobre esta experiência. Retirarei daí alguns momentos para a minha performance. Neste momento sinto que uma semana em contínuo a trabalhar sobre isto daria para escrever a meia tese que contém o esqueleto (faltando depois muito trabalho de 'lima'). Os nomes das peças estão indicados antes dos extratos de cada uma. O texto a sombreado é texto novo que cola o texto retirado dessas peças. Há dois personagens novos, os queridos 'velhotes' do CETA, Arlindo e Lau, 1 e 2 que se sentaram na assistência.

Aveiro, fevereiro de 2019:

A ideia de base é fazer uma passagem por alguns momentos de algumas peças, mantendo a ideia de que é importante salientar a natureza do CETA enquanto grupo de teatro com uma palavra a dizer sobre a sociedade, através da arte. Assim me enquadrei sempre, ao colaborar com o mesmo. Por isso mesmo mantive alguns trechos originais de peças, mas acrescentei texto para as ligações e para que o CETA seja lembrado em vários momentos, mesmo não estando nos textos originais (esses textos novos estão a sombreado). Os títulos lembram que se está a falar de uma determinada peça.

_____

1 e 2 a dormirem na assistência. Alguém os desperta. Luz sobre eles.

1 – Cuidado, cuidado, temos de nos esconder, vamos ali para trás do palco. Eles vêm aí. Vão prender-nos.

2 – O que estás a dizer homem, senta-te, estás a sonhar, senta-te, viemos aqui para ver um espetáculo porque o CETA faz sessenta anos.

1 – 60 anos? Caramba! Parece que foi ontem que começou. E tu tens a certeza que eles não vêm aí?

2 – Olha eu acho que eles nunca se foram embora, mas isso é outra conversa. Agora senta-te aí que o espetáculo vai começar.

1 - Mas nós nem fomos convidados para participar!

2 – Mas fomos convidados para assistir. Senta-te! Olha já estou a ouvir qualquer coisita.

Roubaram a lua *(musica manifestação)*

Entram todos com cartazes a dizer 'Roubaram o Mar' e 'Roubaram a Lua'. Sobem para o palco.

Todos: Roubaram o mar, viemos protestar! Roubaram a lua, ladrões para a rua.

Ficam em cima do palco a protestar e são interrompidas pelos 1 e 2.

1: As Mergulhadoras de Acapulco estão a chegar…

2: E sem mar elas não podem nadar!

As mulheres em cima do palco são as mergulhadoras de Acapulco. Tiram um sobretudo-casaco têm um fato mais de banho ou desporto(?) e cantam a canção das mergulhadoras. Os homens agarram nos cartazes delas e nos casacos.

Mergulhadoras *(musica mergulhadoras)*

Somos as mergulhadoras de Acapulco ó ó.

Queremos mergulhar

Mergulhar mergulhar óóó

Dá-nos o mar o mar o mar o mar o mar.

(2x)

Saem todos com o mesmo protesto do início, incluindo as mergulhadoras.

Todos: Roubaram o mar, viemos protestar! Roubaram a lua, ladrões para a rua.

Papiniano e o Pirata Torniquete Malagueta *(musica Torniquete o pirata)*

Começa a ouvir-se um riso ao longe. É o Pirata Torniquete Malagueta! Com ele entra uma sereia, um carapau e um caracol do mar, presos por uma corda.

Pirata: Sou o Pirata Torniquete Malagueta, o terrível dos sete mares. Roubo todos os tesouros , de todos os lugares. Venho mesmo para assustar e se for preciso... sei até ladrar: Auuuuuu!!! Desta vez o meu plano é o melhor. Roubar o mar inteiro, seja lá como for. Pego nas minhas espadas. E podem vir marinheiros, militares e armadas. Que ninguém me vence. Ninguém me ganha. E ninguém me convence, a perder uma batalha.

Pirata: Que sítio é este? Onde estão as mergulhadoras? Tenho de as levar no meu barco! Já aqui tenho uma sereia, um carapau e um caracol do mar. E mais uns quantos. …..Arghhhhhh onde é que elas estão???

1: Pirata piratinha, estás no CETA e no CETA podes voar mais alto que a cauda de um cometa, mas….

2: Aqui respira-se liberdade, não podes prendê-los assim!!

Sereia: Para que queres fechar o mar, numa enseada a sete chaves. Se o quiseres recordar lembra-te do voo das aves.

Carapau: Traz pedaços de prata e de luar**.** Guarda conchas e estrelas do mar **d**entro de caixas grandes ou pequenas ou bonitas, **e**nfeitadas com papeis e fitas.

Caracol do mar: Ele estará sempre presente**.** Vestido de prata e azulão**.** Dentro do teu pensamento **n**o fundo do teu coração (*dá um buzio ao pirata*).

O Pirata começa a fraquejar e a ouvir o mar dentro de um búzio.

Pirata: Têm razão meus amigos (*solta os prisioneiros*). Aqui ficamos em liberdade e ouve-se o mar ao longe, lá ao fundo, depois da Ria, não precisamos de o prender. Mas como é que se chama este lugar?

1: CETA! Senhor Pirata, ainda não aprendeu?

2: Estamos no CETA, aqui onde tudo pode acontecer! ***(musica descida da nave)***

De repente há uma série de efeitos especiais e trovões e música de filme de ficção científica. Máquina de fumos. Projetores a acender e a apagar. É uma hecatombe mundial. O mar e todos os seus seres sofrem uma destruição total. O Pirata e os restantes são arrastados pela tempestade. Confusão no palco. Saem. Ouve-se o texto do início da Tricana enquanto entram quatro pessoas vestidas com fatos de homogeneização, os clones, andam pelo publico e pelo palco (devem ser duas mulheres e dois homens para mais tarde serem as duas mulheres 'tricanas' e os dois homens 'pescadores').

Uma Tricana no Espaço

Voz off *(pode-se diminuir o texto***):** Boa Noite! A minha designação de fabrico é 'Clonopax' 3001. Estou aqui enviado pelos Altos Dirigentes de 'Aveipax' para vos agradecer o facto de terem vindo e para vos explicar o que se vai passar aqui hoje. Depois das guerras e das epidemias somos hoje um dos núcleos sobreviventes porque escolhemos a homogeneização total dos modos de vida. A Grande Superfície Estagnada outrora chamada Ria de Aveiro foi criteriosamente esterilizada para evitar contaminações desnecessárias e todos os produtos ingeridos são agora sintetizados em laboratório. Todos os dados foram apagados da memória dos nossos cidadãos e apenas restaram vocês, peritos mantidos 'in vitro' apenas para situações de alarme, nas quais a nossa falta de referências não nos permite atuar com lucidez. Foi encontrada uma caixa na Grande Superfície Estagnada com vários fragmentos de épocas passadas. Sabemos que a alma humana original poderá ser recuperada e corporizada através do ADN contido nesses fragmentos. Decidimos avançar com essa experiência, registá-la nos nossos arquivos e eliminar os fragmentos.

Entram O Rei e A Rainha. Com eles entram dois cientistas e dois bobos com os cartazes. Os cientistas preparam a experiência e os bobos sentam-se no palco.

CAIFAX - Enquanto os cientistas preparam a experiência com os fragmentos do passado, fiquemos aqui minha querida rainha, a apreciar esta paisagem homogeneizada.

ATRIX – Espero que não demorem. Confesso que começo a ficar ligeiramente maçada de estar aqui.

CAIFAX – Sim minha querida. Não suporto vê-la impaciente.

ATRIX – Para além disso, quanto mais nos demorarmos mais tarde vamos para a estância de H2O ionizado de Zanzibar. A minha superfície epidérmica já se anda a queixar.

CAIFAX – Sim minha querida. Não suporto vê-la impaciente.

ATRIX – E veja lá como se comporta. Quando vai discursar aos peritos está sempre a enganar-se, fica todo encolhido…uma vergonha!

CAIFAX – Que quer minha querida? Sabe bem que as pílulas ZT3 de rosbife, conjugadas com as YX10 de verduras me fazem sempre gases.

ATRIX – Bom mas hoje o meu querido esteve de dieta. Portanto veja lá.

CAIFAX – Cientistas! Quero um relatório 'ZETAGAMA' antes de iniciarmos a experiência (*olha para os clones que andam pelo meio do público*) E o que fazem aí esses cloneslevem-nos para o armazém!

Os cientistas fazem alguns procedimentos para que os clones saiam. ***musica experiência***
Os clones saem. Vão vestir-se para as tricanas e os pescadores.

SIMONEF – Detetámos, na superfície da grande superfície estagnada, uma pequena caixa que descobrimos que contém….

RUTEF – Fragmentos de uma época há muito desaparecida……. antes da Grande Homogeneização, acompanhados de uma mensagem escrita.

CAIFAX – E o que dizia a mensagem?

SIMONEF - Em terras de Aveiro**,** houve em tempos **r**uas ensolaradas, corridas de pés descalços, bicicletas. Vizinhas à janela, amigos a discutirem política nas esquinas. Senhoras finas, gaiatas meninas, populares donzelas. Avós e netos, de mãos dadas. Peixe fresco, peixe salgado. Vacas esquecidas no prado.

RUTEF - Ouvimos dizer que nossas memórias querem limpar. Serve esta carta então para explicar. A quem esta caixa encontrar. Estes são pedaços do que foi. São lágrimas do que já era. Do que talvez regresse. Com a ajuda de algum misterioso raio de luz. Que atravesse a estratosfera.

CAIFAX – É de facto fundamental avançar com esta experiência! Estou a ficar cada vez mais confuso.

ATRIX – Mas meu querido…e Zanzibar?

CAIFAX – Zanzibar pode esperar.

Os bobos vão apresentando as placas com a palavra 'AHHHHH' ou 'PALMAS' para o público reagir.

CAIFAX – Meus Caros: estou aqui para vos comunicar o seguinte: A Grande Superfície estagnada abriu uma brecha e surgiu à superfície uma pequena caixa.

AAAHHHHH!

Não se imaginava que a Grande Superfície viesse a abrir brechas, mas de facto abriu, o facto é que abriu e agora a brecha está aberta e contra factos não há argumentos!

Palmas

O futuro de Aveipax depende da nossa determinação, a nossa determinação depende da nossa capacidade de trabalho, a qual por sua vez depende de *…….(fica perdido a pensar).....*

Palmas

Teremos de investigar estes fragmentos do passado só para sabermos do que se trata e devemos aniquilá-los de imediato pois poderão destruir a nossa bem-amada Homogeneização Total!

AAAHHHHH!

Vamos trabalhar!

Palmas

SIMONEF – Vamos então começar… estes são os primeiros fragmentos que vamos utilizar. Utilizaremos a técnica de recuperação….

RUTEF – .....do ADN. Estes fragmentos estão impregnados de cabelos e pedaços de caspa. Devo lembrar que não é possível, nesta fase da experiência, qualquer interação com os seres recuperados.

Mais máquina de fumos. O Rei e a Rainha sentam-se nos tronos. ***(musica experiência + musica tricanas)*** *Entram a Tia Albertina e a Tia Alzira. Uma estende uma corda de roupa e vai pendurando roupa enquanto a outra se lamenta, sentada numa cadeira.*

MARIA ALBERTINA – Mas ó mulher! Ó tia Alzira! Outra vez nessa choramingueira? Valha-a Deus mulher.

TI ALZIRA – Ó mulher o que é que você quer? Ele era o meu homem, não conheci outro (*ajeita a cadeira*).

MARIA ALBERTINA – Mas ó alminha, pelas alminhas. Vossemecê até entristece esta rua com essa ladainha. Não há rua como a rua do canal, fresca, espelhada, arejada e você só se lamenta?

TI ALZIRA – Mas ai Jesus. O que é que você quer? (*senta-se*) Esta noite sonhei outra vez com o meu Manel e com aquele jeito dele de me fazer malandrices quando eu menos estava à espera.

MARIA ALBERTINA – Ó mulher esteja calada! Então a vizinhança já fala mal de você, que está sempre de 'trombil' espetado e agora quer que pensam que anda por aí a suspirar com as almofadas? Deus lhe dê o que lhe falta mulher!

TI ALZIRA – Ó Mulher deixe-me estar….deixe-me estar….assim 'cumá' assim qualquer dia vou-me desta para melhor e vou! (*vira-se para o outro lado*).

MARIA ALBERTINA – Você cale-se! Cale-se que já me está a tirar do sério! Olhe para mim! Olhe bem!

TI ALZIRA – Tou a olhar!

MARIA ALBERTINA – Repare bem! Casei nova e pouco namorisquei por esses bailes. Se eu soubesse o que sei hoje…ai se eu soubesse. O Meu Emiliano partiu logo passados dois meses como embarcadiço para o bacalhau. Morreu no alto mar. Fiquei viúva com vinte anos! vinte anos mulher! Olhe bem para mim!

TI ALZIRA – Tou a olhar! Ai mulher!

MARIA ALBERTINA – E vossemecê pensa que eu me deixei ficar? Criei o meu filho, fiz gato-sapato e hoje ele anda a estudar para doutor. E eu vivo, canto e danço por essa cidade fora.

TI ALZIRA – Mas você também sabe o que a vizinhança diz de você.....sabe como é….não há rosa sem espinhos!

MARIA ALBERTINA – E o que é a vizinhança tem a ver com a minha vida? Ah com elas posso eu bem! Elas que venham, venham todas que eu lhes canto uma cantiguinha, a rimar e tudo. E digo-lhe uma coisa: sabe aquele teatro ali do Canal, o CETA? Ainda lá vou para ver se me aceitam num papel!

Alzira fica escandalizada. Ficam 'congeladas'. Mais máquina de fumos. ***(musica experiência + musica pescadores)*** *Entram o Ti Manel e o Ti Francisco.*

TI MANEL – Ai.....raios partam isto *(Resmunga algumas coisas impercetíveis por causa das dores nas costas). Fica uns momentos em silêncio olhando o vazio. Começa a cheirar a peixe assado.* Ó TI FRANCISCO venha de lá esse peixinho homem!

TI FRANCISCO – *Responde lá de trás*: Já vou!!! *Mais uns momentos de silêncio....*

TI MANEL – Ó homem bolas mas você está a atear lume para assar uma baleia ó quê? Arre lá para o assunto que já estou cheio de fome.

TI FRANCISCO *(Entra em cena)* – Cá está, cá está *(Entra com o fogareiro).* Irra, você não tem mesmo paciência nenhuma. Não admira que a sua Alzira se tenha zangado consigo.

TI MANEL – Esteja calado homem. O que a minha Alzira não me perdoa é eu ter chegado ontem bêbado que nem um cacho. E olhe que eu estava cheio de paciência.....Mas já nem adianta que me deite no sofá da entrada...."Vai lá para casa do teu amigo...ele que te ature e mais ao que tu tresandas".

TI FRANCISCO – Deixe lá isso homem. Ela logo se esquece. Logo à noitinha já o deixa entrar em casa. Vá lá..... cure aqui a ressaca em paz.

TI MANEL – E que peixe é que você traz aí?

TI FRANCISCO – É bacalhau. Hoje não se arranjou peixe de jeito.

TI MANEL – Antigamente é que era lembra-se? Peixe tão fresco, tão vivo, que até apetecia levá-lo para debaixo dos lençóis.

TI FRANCISCO – Antigamente até o cheiro a peixe cheirava bem!

TI MANEL – É verdade, é uma grande verdade verdadeira, essa!

Durante uns minutos não falam e entregam-se ao ritual de comer e beber. O TI MANEL fica de repente de olhar absorto. TI FRANCISCO repara e pergunta:

TI FRANCISCO – Pareces meio estrambelhado…o que foi? Deixa lá a rapariga sabes bem que aquilo lhe passa.

TI MANEL – Eu agora estava muito longe daqui. Muito longe. Estava naquele lugre. Naquele dia. Naquela tempestade. Foi há tanto tempo que já nem sei quem é mais velho, se eu se a história.

TI FRANCISCO – A tua história faz-me lembrar muitas das peças de teatro do CETA.

Congelam. Caifax de repente levanta-se e vai observá-los. Estala os dedos para os descongelar, um a um. Eles acordam e ficam surpreendidos.

CAIFAX – Minhas senhoras e meus senhores. Vamos todos na minha nave espacial dar uma volta. Venha comigo Tricana. Vamos viajar no espaço para descontrair e depois voltamos aqui para reconstruir este lugar. Já desisti da homogeneização total.

Ajeitam-se como se fossem numa nave espacial. Fumo e luzes. Preparam-se para partir. Não têm tempo de partir pois entra um francês.

Agustina e a Felicidade

Francês: Vocês não preferem ir num balão de ar quente? E em vez de irmos para o espaço podemos dar a volta ao mundo, o que me dizem? À procura da felicidade? Pelos teatros de todo o mundo? E partimos deste, que é o mais bonito. Creio que se chama, se chama…..(*pede ajuda ao público*).

1: CETA! Outra vez sem saberem onde estamos

2: Isto já começa a enervar! Estamos no CETA.

Entra a Agustina.

Agustina: Sim, vamos! Mesmo agora viemos do Bolshoi e encontrámos lá uma Bailarina Russa. Podemos dançar um pouco primeiro.

Entra uma bailarina. Faz alguns passinhos de dança. Eles tentam dançar com ela. Ela repara que eles estão a dançar mal.

B - *Niet, niet, niet*. Está mal assim. Equilíbrio. Equilíbrio é o mais importante e o grande segredo de qualquer bailarino.

Todos dançam com ela e cantam.

Todos: Um passo lá. Um passo cá. Um passo mal. Um passo bem. Depois, um, dois, um dois, um dois. Mais tarde o três, um dois, dois três.

B - Ya, agora estamos prontos para ir.

Caifax transforma-se em cavaleiro do espaço.

CAIFAX/Cavaleiro do Espaço: Parece-me boa ideia! Eu vou, eu vou, porque eu também sou um …….um…….cavaleiro do espaço!

Francês: Mas tu fazes parte de uma outra história!

Cavaleiro do Espaço: Não interessa! Já fico pronto! Vamos! Vamos por esse mundo fora, nada nos deterá. Como se chama este lugar?

1: Ó senhor cavaleiro do espaço, o senhor comeu muita farófia!

2: Ou foi do bagaço? Estamos no CETA!

Cavaleiro do Espaço: Isso mesmo, CETA! Vamos pelo espaço como uma Seta, de avião ou de balão de ar quente! Tanto faz. Vamos embora.

1: Não é isso homem! Não é nenhuma seta!

2: Chama-se CETA – Círculo Experimental de Teatro de Aveiro.

Cavaleiro do Espaço: Ahhhhhhh….Então experimentemos! Vamos, vamos! E se possível, com amigos!

Ajeitam-se como se fossem num balão. Cantam a canção do balão.

Todos – Num balon, num balon,

Num balon, pelo arrrrrr

Aqui vou, aqui vou, aqui vou Feliz

Com amigos, com amigos,

Com amigos, a cantar

Aqui vou, aqui vou, aqui vou

Chegam a um outro lugar. Saem do balão, apreciam esse lugar e saem a comentar. Aparece um gigante.

O Polegarzinho *(musica gigante)*

Gigante – Cheira-me aqui a carne fresca! Cheira-me aqui a carne fresca! Há carne fresca ao alcance do meu nariz e eu não me costumo enganar a esse respeito. Correto! Onde pensam que vão? E o que escondem aí no meio? O Polegarzinho? Eu sei que ele está aí. Argghhhhhhhh!

Eles fogem e fica o gigante no meio do palco sozinho.

Gigante – (*para o público*) Que lugar é este? Cheira-me a carne fresca! Cheira-me a carne fresca. (*pode brincar com as pessoas do público, sobretudo com os mais jovens do CETA*) O que vieram aqui fazer, ah? Para onde estão a olhar? Vou já levá-los a todos para o meu caldeirão.

1 – Isso é que era bom senhor gigante, eu daqui não saio.

2 – Eu também fico aqui, pois quero ver isto até ao fim.

Aparece a Agustina de novo.

Agustina: Calma Senhor Gigante já percorri o mundo inteiro em busca da felicidade. Ela não está no seu caldeirão, tenho a certeza.

O Gigante fica mais doce

Gigante: Queres ir só tu para o meu caldeirão?

Agustina: Talvez um outro dia Senhor Gigante. E deixe de perseguir pessoas. Olhe pergunte no CETA se têm algum papel para um gigante, que tal?

Gigante: Boa Ideia!

Sai a assustar o público. Entra o francês.

Agustina: Será que finalmente vou encontrar a felicidade? Será que esta é a minha praia? Este palco?

Francês: É simples saber se chegaste à tua praia. Se tiveres atravessado tempestades, se tiveres viajado num balão de ar quente, à velocidade do vento, por montes e vales, se tiveres vivido aventuras arrepiantes, dançando, cantando, ajudando amigos, então chegaste. E depois de chegar podes sempre partir outra vez. É empolgante, emocionante! Tens de ter paciência!

Agustina: Então este palco pode ser a minha praia?

Francês: Claro que sim! Podes chegar aqui e depois voltar a partir. Sempre. Anda vamos continuar o nosso caminho.

Mulheres

Saem e entram as mulheres, uma a uma, cada trazendo uma cadeira, um vestido e uns sapatos.

M1: Há dias em que só queremos ser mulheres, nada mais.

M2: E ouvir uns piropos, soprados ao vento.

M3: E sentir umas massagens. Umas massagens nas costas.

M4: Uns sorrisos embrulhados em abraços.

M5: Passeios na praia.

M6: Umas voltas de valsa.

M7: Ir a um concerto da pesada…de mão dada.

M8: E não ter medo dos silêncios. Do que não se diz.

Começa a música do JJ e elas começam a vestir-se e a pintar-se. ***(musica de vestir)*** *Dançam* ***(musica de dançar)*** *Depois vai cada uma dizer a sua frase, para o público.*

M1: Olá estás bom?

M2: Oi há quanto tempo!

M3: Hum…..já tinha tantas saudades…

M4: Anda…faço-te um almoço especial…

M5: Apetece-me desaparecer na palma da tua mão.

M6: Sinto-me capaz de dançar contigo toda a noite.

M7: Hoje damos um mergulho no mar….!

M8: Hello baby!!! Lets rock!

(musica de ir embora) *Cada uma diz a frase e sai de ceda levando consigo a cadeira.*

M1: Mulheres!

M2: Tal como os homens, adoram fazer teatro.

M3: Muito teatro.

M4: Grandes dramas.

M5: Ou grandes palhaçadas.

M6: Grandes mensagens …

M7: Sem esquecer as massagens...

M8: Vivam as mulheres do CETA!

Todas: Viva o CETA!

Saem uma a uma, levando a cadeira consigo. Passa um slide com os nomes de todas as mulheres que passaram pelo CETA. ***(musica ???)***

1 – Gostei desta homenagem às mulheres do CETA mas devia haver uma aos homens também.

2 – Tens razão, mas olha eles se calhar prepararam um slide com o nome de todos os homens também.

Passa um slide com os nomes de todas os homens que passaram pelo CETA. ***(musica ???)***

1 – Olha, olha, lá está!

2 – Sim senhora, olha tu ali, Arlindo Silva!

1 – E olha tu 'Lauzinho', lá estás tu!

Depois da pequena homenagem a homens e a mulheres, vem a M1 falar de crianças……

Rapaz Bicicleta

M1: O CETA também foi e será sempre um lugar de crianças. E por isso um dia nasceu um rapaz, de seu apelido bicicleta.

Sai. Entra o rapaz bicicleta a correr, pela porta de lado.

RP: Ahhhhhhhhh! Tenho sempre tanta fome que parece que trago uma bicicleta cá dentro, sempre a pedalar....por isso trago sempre algumas maçãs de casa, não vá o raio da bicicleta começar a pedalar assim de repente!....hummmm deliciosa! Já experimentaram comer assim uma maçã?....hum.....quase se sinto as vitaminas a entrar no meu estômago, a passar para o meu sangue…….zzzzzzzz e as minhas pernas a ficarem mais fortes....o meu coração a bater mais certinho.....hummmm que maravilha!!!! *Sobe para o palco*. Sabem onde posso encontrar um pedal, ou uma roda de bicicleta? Precisava de construir uma bicicleta.

Entra o Japchês pela parte de trás. ***(musica – sons - do japchês)***

Japchês - Uaaaaaaa, uooooooommmmm, uakarimaskô! Fuiiiiiiiiiii, ah!

R – Ah? Desculpa mas não percebo a tua língua.

Japchês – Uôooooooo, chi tua pô, xuuuuuuuuu tchá pô.

R – Champô?

Japchês – Tunghung ChiTai! Aiô? Atô Zaca zaca.

Japchês – Surunamu

R – Surunamu...

Japchês – Bipuputaiti...

R – Bipuputaiti...

Japchês – Uaconvontuchitá!

R – Uaconvontuchitá!

Japchês – FuchuSuchi!

R – FuchuSuchi!

Japchês – Blavo blavo! Já ganhaste uma 'loda' para a tua bicicleta.

Volta a aparecer o cavaleiro do espaço, pela porta do lado, dá uma volta ao público.

Cavaleiro do espaço: ***(musica do cavaleiro do espaço)***

Sou um cavaleiro do espaço.
Como melão, como sargaço
E se for preciso….ah ah … bebo um bagaço.

(Alguém lhe leva um bagaço, a música para, ele bebe e depois continua)

Japchês – Calma, calma. Podes ficar 'tlopego'.

Sou um rufia do firmamentooooooo.
Como farófia, muita farófia
E se for preciso….ah…ah….. pão bafiento.

Cavaleiro – Iá! Já cavalguei luas, tempestades de areia. Já furei bolas de Berlim com o dedo e já comi escaravelhos com marmelada! Não há nada, coisa nenhuma que eu não tenha já vivido neste mundo. Até já andei de balão de ar quente.

R – Viva Senhor ……. Cavaleiro do Espaço!

Cavaleiro do Espaço: Viva! Agora sim, agora é que sou eu. Esta é a minha história! Sou o cavaleiro do espaço! De todos os espaços! Gosto muito de voltar a este! Como se chama? Digam-me que eu gosto de ouvir o seu nome!

1 – Amigo cavaleiro ou aprende a dizer o nome do CETA…

2 – Ou vamos ter problemas graves!

Cavaleiro do Espaço: CETA que planeta maravilhoso! Cheio de firmamento e de estrelas! Zimmmm! Vzimmmm!

R – O que eu quero mesmo é que me ajude a encontrar a minha bicicleta e a minha boneca. Estou a começar a ficar muito triste.

Cavaleiro – Bicicleta? Tu queres uma bicicleta? Ahhhhh. Foi numa bicicleta prateada que eu percorri a Via Láctea. As estrelas passam por nós a uma velocidade estonteante. Ahhhhh é magnífico! A prova é simples. Concentra-te. Agora tens de fechar os olhos e imaginar…zic zic zic zic.

R – Imaginar o quê?

Cavaleiro – Que já foste à Via Láctea sempre a pedalar…. A pedalar, zic zic zic….Imaginas e vês milhares de constelações.

R – Estou a imaginar….ali está a Ursa Menor……, ali o Crocodilo Comprido, ali o Dragão Aflito…, ali o Camaleão Engasgado, ali um Chimpanzé de Cuecas.

Cavaleiro – Rapaz, estás pronto. Já consegues imaginar! Aliás estás no lugar certo que é o ……CETA…….!!! Podes seguir viagem. E tens aqui dois pedais!

R – Que bonitos pedais!

Japchês – Palabéns lapaz.

Japchês sai. Ouve-se uma cantoria.

R – Olha uma cantora! E agora será que vou ter de cantar também….?

Cantora – Não rapaz não te preocupes, basta que eu cante.

R – E é só isso que fazes, cantar?

Cantora – E achas pouco? Cantar é toda a minha vida, toda.

R – Então para falar contigo tenho de cantar?

Cantora – Porque não experimentas?

R – Está bem, vou experimentar!

Cantora – Que maravilha! Agora já podes cantar uma canção. Força rapaz! Eu ajudo! ***(musica da maçã)***

Uma maçã ao almoço
Uma maçã ao jantar
Um cachecol ao pescoço
E duas pernas pr'andar.
Dois girassóis e um tremoço
Isso para acompanhar
Uma maçã ao almoço
Uma maçã ao jantar.

Cantora – Muito bem rapaz e para encurtar a história tens aqui a bicicleta já completa!

A cantora sai.

1 – Esta senhora canta muito bem...sim senhora!

2 – E ouvi dizer que ela está no leme deste barco!

O rapaz bicicleta prepara-se para sair quando entra um marinheiro.

O Incrível Sonho do Rapaz Bicicleta *(musica do carro a chegar?)*

Marinheiro: O menino vai de bicicleta? Acho muito bem! Andei muito na minha juventude. Desejo-lhe boa sorte! Não é fácil andar nesta cidade.

Entra o homem do bigode.

Homem do bigode: Bubububuuyeiuwieuri.

Marinheiro: O que está a dizer homem?

Homem do bigode: Bubububuuyeiuwieuri.

Marinheiro: Desculpe o senhor tem de falar mais pau-sa-da-men-te que não se percebe nada. E que são estes papéis debaixo do braço?

Homem do bigode: Bubububuuyeiuwieuri.

Marinheiro: Sim já vi que são papéis mas para que servem?

Rapaz: Se calhar é um imposto sobre bicicletas!

Aparece o cavaleiro de novo.

Cavaleiro do espaço: Era o que faltava! Meto-o na minha nave espacial e atiro-o para um firmamento bem longe daqui!

Homem do bigode: Bubububuuyeiuwieuri.

Entram duas mulheres.

Teresa: Bom, eu já estou farta disto. Dê cá os papéis. O quê? E não é que é mesmo? Um imposto sobre bicicletas?

Etelvina: Deixa ver. E é mesmo! Um imposto sobre bicicletas?!.

Teresa: E o que aconteceu ao imposto sobre os carros?

Homem do bigode: Bubububuuyeiuwieuri.

Etelvina: O quê? Andar de carro vai passar a ser completamente livre?

Rapaz: Vou fugir na minha bicicleta antes que me apanhem.

Teresa: Onde vais rapaz anda cá! Nem pensar!

Etelvina: Ficas aqui! As bicicletas ficam.

Marinheiro: E depois aqui estás seguro.

Cavaleiro do espaço: Sim este é o espaço onde podes percorrer o firmamento como uma seta. No CETA!

1 – Finalmente aprendeste, safa!

2 – Estava a ver que não era hoje!

Teresa: Sim, estás num teatro!

Etelvina: Onde é possível ter todos os sonhos.

Homem do bigode: Bubububuuyeiuwieuri.

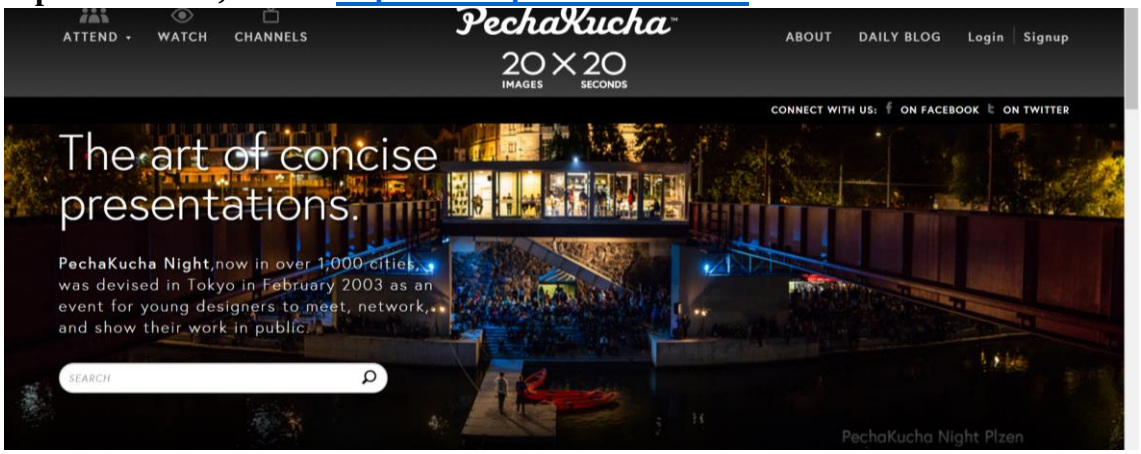
Marinheiro: E onde podemos lembrar que há pesadelos que não podem voltar mais! Como este!

Cavaleiro do espaço: E onde também é possível o impossível! Venham, venham, vamos todos na minha nave espacial. Agora é que é!

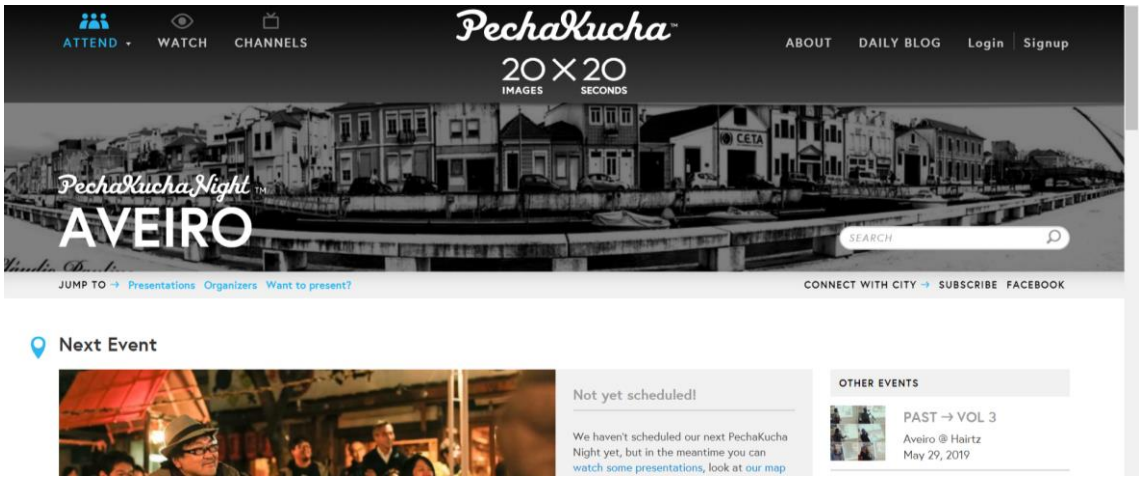
Aparecem todos os intervenientes em cenas anteriores e entre muitos efeitos 'espaciais' e vivas ao CETA eles 'levantam voo'…com a ***música dos Momentos de Glória, por exemplo*** ☺.

3 O Pecha-Kucha

Tipo de eventos, ver em https://www.pechakucha.com/



Em Aveiro:https://www.pechakucha.com/cities/aveiro



Apresentação Lugar Comum:
https://www.pechakucha.com/cities/aveiro/presentations/lugar-comum

O Texto do PechaKucha:

Lugar Comum

Uma mulher entra num comboio cheio de gente. Sente-se cansada e pesada. A roupa de trabalho, o almoço. Senta-se e olha pela janela. Não é nenhuma Frida Kahlo, mas tem uma foto dela, que o tio emigrado no México lhe tinha trazido.

Olha a estação lá fora, cheia de gente. Para onde irão? Devia haver mais comboios. O comboio parte. Levanta-se para dar lugar a uma senhora grávida, mas está num lugar comum e levanta-se outra pessoa que estava sentada nos lugares especiais.

Olha para uma rapariga que não tira os olhos do telemóvel, e que acabou de encostar a bicicleta e de se sentar. A rapariga tira fotos com o telemóvel. Costuma encontrar-se com ela no comboio, sai sempre em Ovar.

Quando era pequena em Macinhata do Vouga, andava sempre de bicicleta, numa bicicleta duas vezes maior que ela. Tem vontade voltar à bicicleta para ir da estação a casa, mas onde metia as compras do minipreço para o jantar?

Na sua terra há um museu com comboios antigos. E isso faz-lhe lembrar um teatro engraçado num dia de manhã na estação de Aveiro. Faziam de emigrantes antigos que partiam para longe. Devia haver mais comboios.

Há duas senhoras janotas no comboio. Uma deve ir para o aeroporto com tantas malas bonitas e aquele fato que lhe assenta mesmo bem. Outra tem um corte de cabelo todo moderno e deve ter ido ao 'Hertize' ou lá o que é.

Lembra-se dos tempos em que começou a trabalhar a dias, foi precisamente nos comboios. Isso é que era uma vida dura. Costumava pensar que se tivesse concluído a quarta classe podia ser pelo menos condutora de comboios, como a sua tia que tinha emigrado para Inglaterra.

Lembra-se também das histórias que lhe contava a sua mãe sobre as mulheres que tinham substituído os homens nos trabalhos duros, para eles irem para as guerras. Trabalhavam muito, mas recebiam menos. Nunca soube se estas histórias eram verdadeiras.

Suspira e repara que a rapariga da bicicleta está agora a ler um livro. 'Anna Kárénina', consegue ler a capa. Gostava de ter estudado, agora teria gosto e facilidade em ler qualquer coisa. Esta é a sua maior tristeza.

Sente que é a educação que nos salva. É saber ler, é saber interpretar aquilo que lemos e aquilo que nos dizem, sem que nos tomem por parvos e parvas. É assim em todo o mundo.

Se tivesse sido daquelas meninas que os pais pagam os estudos até à universidade, se calhar tinha podido fazer um daqueles 'Interrailes' ou lá o que é, e tinha ido a Paris ver o Louvre e a Gioconda.

Ainda pensou voltar à escola, mas vieram logo os filhos. Eles gostavam muito de andar de comboio. Lembra-se também de ir esperar o marido à estação, quando ele regressava ao domingo. Ele era caixeiro viajante. Era uma espécie de felicidade.

Felicidade faz-lhe lembrar uma peça de teatro que foi ver com a filha e os netos, que falava sobre uma volta ao mundo em busca de felicidade. Se pudesse ia até ao México visitar a campa do seu tio, que nunca regressou. Dizem que tocava guitarra muito bem.

Se pudesse ia ver os campos de concentração onde os assassinos nazis mataram tanta gente. O seu pai era de Belmonte e tinha vindo casar com a sua mãe a Macinhata do Vouga. Contava muitas vezes como a sua irmã tinha sido gaseada e como ele tinha escapado para Londres e mais tarde para Portugal.

Olha pela janela como se fosse um filme e pensa: se pudesse viajar pelo mundo fotografava só mulheres à janela de comboios. Mas escolhia só carruagens de terceira classe. Depois fazia uma exposição no museu de Macinhata do Vouga.

Lembra-se também que tinha um sonho, mais modesto, para quando se reformasse. Viajar com o marido pelo país. Mas já faz em setembro dois anos que ele se foi e esse sonho fica por realizar.

Tem-lhe valido participar nestes grupos que desenvolvem atividades artísticas com as pessoas lá do bairro. Ao princípio foi a medo e um pouco desconfiada. Agora tomou-lhe o gosto e os seus pensamentos nas viagens de comboio nunca mais foram os mesmos.

O comboio aproxima-se de São Bento. Pensa também que dentro do título 'Arte, Cidades e Pessoas', a tal iniciativa em que participou (e há outras pela cidade), cabem mil projetos e ideias. Ninguém nos tira a nossa imaginação, pensa.

Começa a imaginar uma história numa estação, uma história de amor que nunca viveu, por exemplo. Imagina a estação de São Bento, bela e histórica, cheia de gente a olhar para as Partidas. E dois olhares que se cruzam, pela primeira vez.

Fecha os olhos nos últimos 20 segundos de viagem. Mil histórias que nunca tinham existido na sua cabeça começam a estalar como pipocas. O comboio para e quando se levanta com os pesados sacos na mão, sente-se mesmo muito levezinha.